

O futuro Conselho Confederal

No próximo dia 11 de Novembro reúne pela primeira vez, depois do Congresso Nacional, o Conselho Confederal da C. G. T. A sua constituição deve ser nova. Os organismos aderentes à Central dos Sindicatos devem, portanto, nomear os seus delegados para que eles sejam os coordenadores de toda a acção proletária do país.

A melhor ou pior conduta da Confederação Geral do Trabalho, desta data até à data da realização de outro Congresso, que implicará nova substituição do Conselho Confederal, está agora dependente do tacto e da inteligência com que o operariado escolher os seus delegados.

E preciso que esses delegados saibam encarnar tanto quanto possível o sentir da classe que têm de representar no organismo supremo, no organismo coordenador da acção do operariado português—para que a voz de cada delegado seja a voz de cada classe; para que o espírito de cada representante seja o espírito da classe que o nomeou.

Não devem os operários de cada organismo aderente esquecer que a época que se atravessa exige, pela exacerbação da luta de classes, maiores faculdades de combate e maior resistência aos embates do inimigo.

Hoje a burguesia já não se combate com palavras sonoras, mas com acção serena ditada por elevado pensamento, servida por inteligências lucidas e cérebros cultos. No Conselho Confederal não são precisos oradores, mas criaturas que pensem, técnicos que conheçam a indústria que representam, almas que sintam os sofrimentos e os anseios da sua classe.

A vida actual é complicada. Exige, portanto, que o Conselho Confederal, que é o cérebro da organização revolucionária do operariado, esteja à altura das circunstâncias.

Os problemas nacionais estão cada vez mais embrulhados, mais confusos devido à nefasta política do capitalismo nestes últimos tempos. A questão económica agravou-se; a financeira transformou-se num verdadeiro descalabro; a social, idem. É necessário que os militantes da C. G. T. formem um núcleo de competências com ideias próprias sobre esses problemas, norteadas no sentido de favorecer o operariado em geral.

Internacionalmente, os problemas não são menos complicados. A política financeira dos grandes Estados imperialistas, a política reaccionária de outros, a política soviética no Oriente, a questão dos Balkans, etc., necessitam ser estudados. Só criaturas perseverantes, amigas de estudar podem andar ao corrente destes assuntos de primordial importância. Cada classe que conhece os seus militantes deve escolher aquele que mais susceptível for de desempenhar-se da sua melindrosa missão no Conselho Confederal.

Poucos dias faltam para que o Conselho se reúna. Portanto, federações, uniões, sindicatos nacionais devem apressar-se a nomear os delegados, não esquecendo nunca que uma falta de cuidado nessas nomeações pode implicar um enfraquecimento ou um desprestígio para a Organização Operária.

O conflito greco-búlgaro

Intervenção da Sociedade das Nações

PARIS, 30.—O Conselho da Sociedade das Nações nomeou uma comissão de inquérito ao conflito greco-búlgaro, a qual é constituída por 2 civis, um suco e um húngaro, e por dois oficiais, um francês e um italiano, sob a presença de sir Horace Rumbold, embaixador britânico em Madrid. O inquérito será realizado no próprio local, e a comissão tem de reunir-se em Genebra a 6 de Novembro a fim de elaborar o respectivo relatório que será apresentado ao Conselho para então deliberar definitivamente.

Os resultados trágicos do conflito

SOFIA, 30.—Segundo um comunicado oficial, trinta cidadãos búlgaros, incluindo uma mulher e uma criança, foram mortos em resultado do conflito greco-búlgaro. Os contingentes gregos evacuaram já por completo o território búlgaro e a comissão militar chegou à fronteira para investigar as causas do conflito.

As tragédias do ciúme

Continuam no mesmo estado os protagonistas das duas cenas de sangue na praça de D. Luís e da rua dos Arameiros.

A SAÚDE DO POVO

A enfermaria-depósito do hospital de São José é a mais abjecta excrescência daquele velho estabelecimento

Quando o visitante transpõe a porta que dá acesso à enfermaria-depósito do Hospital de São José, que provisoriamente serve de enfermaria de parturientes, um odor fétido escaldante a sensibilidade, perturba-lhe, mesmo, os raciocínios. Não se adivinha, sob o peso daquela sensação, se aquilo é o internato de 60 mulheres que aguardam a hora da *deliverance*, ou se é uma montureira abjecta, tal o poder das suas emanacões.

É uma mansarda bastante velha que fica no vértice do hospital, duma solidão que arripa, levemente cortada por uma frouxa claridade. Se nos dessemos que aquilo seria para guarida de mulheres no seu estado interessante não acreditá-las. E não acreditávamos porque à nossa sensibilidade repugnava acreditar que o venerável hospital de São José mantivesse erecta uma sala que servisse de campo à difícil operação que é o parto. Não acreditávamos, porque a nossa sensibilidade, os nossos sentimentos humanitários não aceitam um tratamento tão abjecto para aquelas a quem o infortúnio levou ao hospital, quantas vezes sem saber quem é o autor daquele ser que seu ventre alberga. Não acreditávamos porque não julgávamos de tal estófo moral os causadores de toda esta tragédia, a pesar da nossa rebeldia, de toda a nossa irreverência.

A sensação que ali sentimos foi notada, mereceu mesmo os reparos do nosso amável companheiro de visita, do nosso cicerone, o dr. sr. João Pais de Vasconcelos que nos disse:

—Agora tapem o nariz...
E assim fizemos para atravessarmos aquele canal de excrescências, onde de mistura com o cheiro de vários dejectos, se respira uma atmosfera bafienta que nauseia e incomoda.

Agora são as expressões quasi satânicas das pacientes que em esgares sinistros dão uma ideia viva da sua tragédia. Depois os furtivos olhares das enfermeiras confundidas na mesma amálgama de lama e dor!

A seguir os gemidos que alanciam de algumas desgraçadas que não foram bem sucedidas no parto. E ainda, a fechar o quadro, o mobiliário, a indumentária que infundem pavor, que causam calafrios!

Parecendo que tudo quanto ficou dito era pouco para condenar a enfermaria-depósito, o dr. sr. João Pais de Vasconcelos acrescenta:

—Meu amigo, há mais e muito mais grave!

Houve um silêncio inesperado, que nem o próprio estado de inquietação soube reprimir.

O director dos hospitais, num estilo onde não faltava elegância e eloquência, prossegue:

—As parteiras ao serviço do hospital são poucas, mesmo muito poucas. Como a lei não me concede faculdades para eu poder prover o quadro do número conveniente, sucede que a grande maioria dos partos não assiste uma parteira diplomada...

—Como assim?

—Vai paulatinamente. Como contra as leis da natureza não há disposições que re-

sistam, no momento da *deliverance* alguém tem que assistir. Esse alguém, como já deduziu, é a enfermeira.

«É certo que a lei não as autoriza ao desempenho de tão espinhosa função, mas a culpa não é minha. Eu tenho que curvar-me à evidência dos factos, para não viver apenas de teorias subjectivas.

«Há incongruências? Não duvido. Para as evitar, o que é preciso? Seria enfadonho repeti-lo...

Nisto uma enfermeira, num dialectico beirão comenta:

—Afinal senhor director, nós, a quem é recusado o diploma de parteira, somos quem assiste à grande maioria dos partos, porque as parteiras não aparecem, como v. ex.ª há pouco disse e muito bem.

Intervenção do dr. João Pais:

—Mas tu podes tirar o curso de parteira. Por mim dou-te todas as facilidades para o fazeres.

E a simpática rapariga, com um sorriso gaio a aflorar-lhe o rosto, agradeceu o oferecimento que a nossa visita proporcionou.

Agora dirigimo-nos para outra dependência do hospital. O ambiente é agora melhor. Avancamos sobre a enfermaria que pertence às parturientes e que está em reparação.

Dirige superiormente esse e todos os serviços industriais o engenheiro sr. Prazeres, que também nos acompanha na visita, e que sobre os melhoramentos que está sofrendo o hospital—por sinal bem poucos—nos presta admiráveis esclarecimentos:

—Estas obras—e com o indicador aponta para umas divisórias—vão dotar esta enfermaria de importantes melhoramentos. «A transformação que está sofrendo não é aquela que era mister. O nosso ilustre director dr. sr. João Pais já referiu as deficiências financeiras com muita inteligência, e elas são a causa dessa circunstância.

«Agora quero eu referir-me aos serviços industriais, por serem da minha competência.

«O quadro do pessoal operário do hospital é insuficiente. Mal chega para um terço do serviço. Como não pode ser alargado, teremos que viver com os nossos parcos recursos...

A conversa recheada de cálculos e números sobre despesas a fazer, trouxe-nos até à porta, quando o engenheiro Prazeres, com movimento instintivo nos pôe de frente para um dos patios. Como estávamos num plano superior víamos distintamente os telhados dos pavilhões inferiores que apresentavam um aspecto agradável. Então o nosso guia de agora informa:

—Aqueles telhados eram perfeitos jardins botânicos. Com a limpeza a que foram sujeitos agradam à vista. Era o que sucederia se nos habilitássemos para o resto das obras.

Tínhamos quasi olvidado o negrume da enfermaria-depósito quando o dr. João Pais nos fez subir a escada que conduz aos quartos do pessoal. É a pior das piores dependências como o leitor amanhã conhecerá.

NOTAS & COMENTÁRIOS

“Renovação”

Apresentam-se muito melhorado o número da Renovação que amanhã é posto à venda e cujo sumário em outro lugar publicamos.

A aceitação que o público tem dispensado à revista gráfica operária permitiu-nos passar a imprimir Renovação em melhor papel tanto a capa, como o texto. Assim as gravuras terão melhor nitidez. O número de amanhã é um dos mais belos que Renovação tem publicado. Oxalá o operariado se vá apercebendo da utilidade desta publicação, prestando-lhe o auxílio de que ela carece para que não fiquem por aqui os melhoramentos que conseguimos introduzir-lhe.

Revoluções Intestinas

As Américas latinas no que respeita a revoluções políticas, sem objectivo elevado, sem outro ideal que não seja o de destituir um governo para lá pôr outro pior, nada ficam devendo a Portugal.

O México, do campeão dessa efervescência revolucionária; os outros países seguem-no conforme podem. Agora é na Nicarágua que se trava a luta violenta. O ex-presidente da república, general Chamorro, à frente dos seus amigos políticos fez uma revolução para destituir o actual presidente sr. Martinez. Parece que este está disposto a abdicar, porque contra a força não há resistência. Há muitos mortos de ambas as partes. Mas isso pouco importa. Entrem-se os mortos e trata-se dos vivos—que são o general Chamorro e os seus amigos...

O chefe do Estado renuncia?

De quando em vez, acentuam-se os boatos de renúncia do chefe do Estado. Esses boatos são quasi sempre propalados pelos conservadores e reaccionários a quem a conduta constitucional do sr. Teixeira Gomes serve de obstáculo às suas investidas ditatoriais. Voltam a crescer esses boatos, a despeito dos desmentidos oficiais e semi-oficiais. Traduzem eles o desejo de quem os propala.

A nós, que somos indiferentes a que a sr. Teixeira Gomes fique ou não em Belém, parece-nos que ele, perante a bandalheira política desta terra deve ter tido mais vezes vontade de ir-se embora do que as vezes que, por conveniência, os conservadores o afirmam.

As ironias da vida

A vida também tem as suas ironias—algumas bem cruéis, bem expressivas, bem trágicas. Perante elas chegamos a pensar

se no fundo ignorado da Natureza não haverá um espírito irónico e cruel que se compraz em contrariar e em castigar as veleidades humanas com bárbaros castigos. Já está o caso do general Muller, que sonhou batalhas, que desejou heroicas grandezas militares e que, num simples exercício de tiro, uma bala de recóchete disparada por um subordinado, talvez dos mais disciplinados—matou-o. Como são verdadeiras as amargas palavras da Internacional: «as balas das nossas espingardas são para os nossos generais...»

Segurança pública

Anteontem notava o Diário da Tarde, e desta vez com muita razão, que em Lisboa há mais polícias do que gente. Não contando com os fardados, que andam armados até aos dentes, há inúmeros cavalheiros duvidados, à paisana, ao serviço do governo civil, que trazem um cartão de identidade e uma pistola na alforgeira. Para cada lisboeta há dois polícias, fardados ou à paisana, fazendo da capital um recinto tenebroso. Mas como, para manter a ordem nas ruas e nos espinhos, isso não parece bastante a quem superintende nos serviços de segurança pública, foi ontem publicada uma ordem do corpo de polícia—bem perigosa para os corpos que não são de polícia—autorizando os guarda-nocturnos a andarem armados também. É caso para perguntarmos: E quando se arma a população?

Os operários corticeiros

Há muito que a Batalha vem soltando o grito de alarme contra os projectos de redução de salários que os industriais vêm forjando. A primeira investida seria vir contra-se há cerca de um ano na cidade de Guimarães, onde por uma greve geral importante o operariado se defendeu galhardamente. Os ecos dessa luta ainda não se apagaram da nossa memória. Agora é na indústria corticeira que a cupidiz dos seus olhos o grande exemplo do operariado de Guimarães e o das chacineras de Aldegalde, mais recente ainda, estão dispostos para a luta. Declararam hoje a greve geral em todo o país. As tradições revolucionárias da classe corticeira, em quem neste momento o operariado de todo o país tem os seus olhos postos, vão afirmar-se mais uma vez.

Capa: Desenho de ROCHA VIEIRA

AO TODO 25 GRAVURAS

PREÇO 1\$50

A favor dos hospitais

O sr. Carlos de Oliveira, pela Sociedade Lusitana de Electricidade A. E. G., de que é director, fez à enfermaria de Sousa Martins, do hospital de São José, a importante oferta de um radiador para aquecimento e uma resistência para o mesmo.

Lêde o Suplemento de A BATALHA

Porque não se apresentam a público as contas da Festa dos Mercados?

Não somos dos que pretendem que a corrupção alastre, só pelo prazer mórbido de fazer belos e indignados artigos a combatê-la. Estamos longe de desejar que o *Diário de Lisboa*, nesta sua antipática e infelicíssima iniciativa, venha a sofrer as consequências da tal «malevolência que andou junta com a estupidez» segundo declarou, em referência à sua desastrosa ideia.

Diz-se que a Festa dos Mercados foi um negócio para alguns amigos daquele jornal e até para algumas pessoas que a ele pertencem. Vamos pôr o que por aí se diz a claro, sem rebuço, oferecendo assim, lealmente, ensino para uma defesa—se é que há motivo para ela ser feita.

É ou não verdade que no mercado seiscentista se fizeram negócios? É ou não verdade que o sr. Alberto de Sousa, reproduzindo, em aguarelas, de monumentos históricos e pseudo-históricos, impingiu vários e «acreditados» artigos do seu ramo de negócio de *bric-à-brac*, por bom dinheiro, aproveitando assim a «festa popular» para dela tirar bons proveitos à custa da ignorância dos compradores?

É ou não verdade que D. Albertina Paraiso imitou com êxito—com êxito para ela—o sr. Alberto de Sousa? Confirme ou desminta, mas não o faça com frases que, distilando uma certa amargura, são insuficientes, por não responderem com a clareza que as nossas leis interrogam exigem.

É ou não verdade que os srs. Pedro Bordalo Pinheiro e Manzoni Sequeira, que pertencem à direcção do *Diário de Lisboa*, são empresários da praça do Campo Pequeno? Não será estranhável que a iniciativa do *Diário de Lisboa* tivesse incluído uma tourada? É verdade terem incluído na despesa da tourada a fabulosa cifra de 25 contos, atribuindo-a a um *diestro* que em Espanha ninguém conhece?

Seria curioso saber-se se o *diestro* passou recibo dessa verba...

As contas da Festa dos Mercados devem ser publicadas, tendo em conta que as verbas da despesa são importantes, para se saber quanto custou o «desinteresse» de alguns dos seus colaboradores. Responda concretamente o *Diário de Lisboa*. Se o não fizer, não se esqueça que todos os que não aceitam como dogma a virtude alheia podem, mesmo sem serem «malevolos», desconfiar duma iniciativa em que se pretende arrastar a população a tomar a sério a realza da filha do omnipotente fiscal da Praça da Figueira...

O NÚMERO NOVE DA REVISTA GRÁFICA

RENOVAÇÃO

QUE É AMANHÃ POSTO À VENDA

INSERE

E o testamento de Adão?

por ROCHA MARTINS (com gravuras)

A dolorosa existência dos obscuros amoladores

(com gravuras)

O nu artístico e o nu obscuro

por FERREIRA DE CASTRO (com gravuras)

Vozes do cárcere

versos de BENTO FARIA (com ilustrações de ROCHA VIEIRA)

A Sinfonia do Outono

(com gravuras)

O elogio das touradas

(com gravuras)

A ironia da abundância

(com gravuras)

Mundo curioso

(com gravuras)

Actualidades

A visita à Rússia do delegado dos Professores de Portugal o professor CESAR PORTO—A sede própria do Sindicato dos Profissionais da Imprensa de Lisboa—Manifestação de protesto na América do Norte

EM TORNO DUMA PEÇA

“O Inimigo do Povo”—O Teatro fútil e o Teatro de ideias—Ibsen, o público burguês e o público operário

Com um arrôjo digno da mais ruidosa simpatia, vai ser posta brevemente em scena uma peça de Ibsen, *O Inimigo do Povo*. A uma semana da sensacional *reprise* os jornais ainda nada disseram, ainda não quiseram dar conta de tão grande acontecimento artístico e social.

Em todos os países, quando pela primeira vez se anunciava uma peça de Ibsen, o ambiente intelectual assumia a plenitude duma aluêia depois dum ciclone, e as ideias agitavam-se, entrecrocavam-se como numa batalha desesperada.

Ibsen, entre nós, é quasi desconhecido do público que só conhece teatro no tablado. Há vinte anos, quando a heroicidade de Araújo Pereira fazia o lisboeta conhecer o *Inimigo do Povo*, a peça apenas trouxe umas horas de formidável tensão espiritual, aos raros obreiros da ideia nova, que sonhavam, isolados, entre a indiferença da massa ignara.

Para vergonha nossa, Ibsen passou despercebido. Mais tarde, o *Pato bravo* e a *Fleda Gubler* caíram tristemente, deixando atrás de si, como que a perpetuar a derrota, um obelisco imenso, erigido ao nosso atraso mental, à nossa incapacidade de nos interessarmos por um debate gigantesco de ideias renovadoras.

O maior dramaturgo, o maior filósofo, o mais audacioso agitador e artista do pensamento livre, só entrava em Portugal para cair diante duma plateia reduzida ou esconder-se envergonhado, na estante duns raros amadores de bons volumes.

Assim, Ibsen, a pesar da tentativa de há vinte anos, vai entrar em Portugal pela primeira vez.

Um jornal da manhã, comentando este acontecimento, exprime esta dúvida:

«O pior é que experiências estão feitas sobre o gosto e compreensão dos espectadores de todos os dias, como até dolorosa e sobremente ficou demonstrado durante a visita do actor Hervé, que representou o *Pato bravo* e o *Último Idolo*, de Currel, com meia dúzia de assistentes.»

E surge por fim, o comentário mais forte, mais decisivo, que revela profundamente o ambiente que já se está preparando para receber o «Inimigo do Povo»:

«A maioria do público não pretende nem que as peças tenham alguma ideia, verdade e arte, mas sim meras futilidades ou grosseiro divertimento, e principalmente chulices.»

E mais adiante:

«É um teatro que começa a ser posto de parte por *snoobs* e mesmo alguns intelectuais...»

Estão a descobrir o ambiente que se está preparando para receber a peça do maior dramaturgo iniciador do teatro moderno é o mais humano, o mais ousado revolucionário que soube elevar a revolta às máximas culminâncias da máxima beleza.

Os *snoobs* não querem ouvir as revoltas do Ibsen... Os intelectuais também abandonaram o clamor rebelde das suas personagens, a uma plateia de meia dúzia de assistentes...

Hoje, levar o teatro de Ibsen em Portugal é uma tentativa, uma experiência de um maldito arrôjo, destinado ao mais completo fracasso.

As empresas fazem portanto mal, montando essas peças, arriscando-se a uma decepção sobre a cultura do nosso público, e vão de encontro apenas a tais chulices, o tal teatro grosseiro, sem intenções, sem beleza, sem ideias.

Eis o que se está preparando.

Criar um ambiente que favoreça o desânimo dos artistas, em levar as únicas peças

que justificam a razão de ser da literatura dramática, as únicas peças em que os personagens são figuras verdadeiramente humanas e que exprimem toda a sua revolta, toda a sua angústia, contra a sociedade iníqua que os não deixa caminhar para uma vida mais ampla, mais livre, mais digna.

A peça de Ibsen *O Inimigo do Povo* é a peça máxima, a peça síntese, a peça modelo, representativa desse teatro que visa à difusão da ideia, à exposição dos problemas de pensamento, à explanação de conflitos, em que se debate o direito à felicidade, em que se denunciam as iniquidades que enclausuram a vida, impossibilitando-a de voar até aos máximos arroubos de beleza e liberdade.

O protagonista do *Inimigo do Povo* é um médico, um médico integro, colocado como técnico numa empresa industrial, possuído dum absorvente amor pelos interesses do povo, a quem sacrificou tudo: reputação profissional, situação económica e a paz familiar.

Depois de uma luta intensa, ele consegue dotar a cidade com um balneário. O povo rejubila, em torno do novo estabelecimento criam-se novos e chorudos interesses, e, unanimemente, o intemperado doutor é festejado como um grande benemérito.

O doutor porém, com o seu enorme amor à ciência não para com as suas investigações, e, passado tempo, vem a descobrir, com grande angústia, que a água do balneário está inquinada.

Algumas fábricas, aproveitando-se das suas águas, inquinaram o balneário, inutilizando-o.

O médico, com uma probidade admirável contra todos os interesses criados, levanta a sua voz. O balneário, tal como estava funcionando, prejudicava mais directamente o povo.

Combativo, confiando na sua austeridade de homem de ciência, o médico inicia a sua campanha, que, breve, é frustrada, porque todos os interesses criados em volta do balneário inquinado, juntam-se e inutilizam-lhe toda a acção. Os jornais recusam-se a publicar os artigos e a guerra é de tal modo intensa que o médico não encontra local, para fazer a propaganda da sua verdade. Entretanto os seus inimigos, os verdadeiros inimigos do povo, de tal modo fazem alargar a sua influência, que é o próprio povo que se insurge contra o seu defensor, acusando-o de que ele pretende tirar-lhe o balneário o que representa um perigo para os interesses da pátria. O doutor vê-se só. A família ameaça abandoná-lo. Ele luta sempre, agarrado à sua verdade, à verdade que o povo enganado não sabe ver, e acaba, depois dum calvário semelhante ao do mar do Golgotha, por ser apedrejado pelo mesmo povo, vencido, caluniado, apoiado apenas à sua ideia, para não morrer.

Pois o colosso que agita estas ideias, o dramaturgo que só tem para o igualar Shakespeare, vai ser representado em Lisboa dentro de uma semana.

Os burgueses, os intelectuais, naturalmente, para desprestígio das ideias novas, para deixar no olvido o grande revolucionário escandinavo, deixarão a plateia às moscas.

E os operários? Que farão eles?

Em Barcelona, há vinte anos, quando o *Inimigo do Povo* subiu à scena, a classe trabalhadora não consentiu essa vitória da burguesia.

As associações de classe, em conjunto, garantiram, para difusão, para propaganda, para fazer vingar o seu teatro, os seus artistas, cinquenta representações!

A “CIVILIZAÇÃO” EUROPEIA

A derrota dos franceses na Síria contada por um jornalista inglês

O Times dedica algumas colunas à situação dos franceses na Síria publicando sobre este assunto um longo telegrama do seu correspondente em Damasco.

O grande jornal inglês acusa o general Sarraill de ser o culpado da situação verdadeiramente melindrosa em que os franceses se encontram, naquela região, não sabemos se com ou sem razão.

No entanto é para estranhar que o alto comissário francês não tenha oposto ainda nenhum desmentido às insinuações do jornal londrino.

Eis um resumo da exposição bastante desenvolvida do jornalista inglês:

As derrotas iniciais dos franceses em Djebel Druse abalaram um tanto o prestígio da França naquela região. Os elementos revoltados que abundam na Síria, julgaram ter chegado o momento para erguerem a cabeça.

Grupos de revoltosos começaram tornando mais frequentes os seus ataques à mão armada, e por várias vezes chegaram até às portas de Damasco.

As tropas do alto comissariado ripostaram, e há coisa de uns 15 dias, incendiaram várias aldeias onde os indígenas se tinham refugiado. De volta à cidade, a expedição trouxe vinte e quatro cadáveres de revoltosos que colocaram em cima de camelos e andaram mostrando por todas as ruas de Damasco.

Os franceses tiveram a lembrança de se servirem deste macabro espectáculo com o fim de inspirar aos animos exaltados um certo receio.

Mas aconteceu exactamente o contrário.

Ao ver aqueles corpos, alguns dos quais eram de habitantes de Damasco, a multidão exasperou-se.

Três dias depois, os homens da guarda encontraram junto à Porta Oriental 12 cadáveres de circassianos pertencentes às tropas francesas.

Durante a noite de 17 para 18 de Outu-

bro, num dos bairros da cidade, apareceram três soldados franceses assassinados.

Um pouco mais tarde, no mesmo sítio, uma patrulha foi alvejada a tiro.

Por fim no dia 18 deste mês apareceram, no bairro de Shaghour, uns sessenta soldados sírios, comandados por um certo Hassau al Kharrat, ex-guarda nocturno de Damasco.

Quasi ao mesmo tempo, um outro grupo de soldados indígenas, chegados duma aldeia drusa, penetraram na cidade pelo sul.

Os dois núcleos de tropas dirigiram-se de comum acordo para o centro da cidade, onde uma grande parte da população se lhes foi reunir, desarmando os polícias e apoderando-se das suas espingardas.

As autoridades francesas, não sabendo o que se passava, começaram a tomar medidas de defesa, e perto do meio dia todas as ruas eram atravessadas por tanks que faziam um fogo contínuo de metralhadoras em todas as direcções.

A multidão exasperada começou levantando barricadas em vários pontos recebendo os tanks com um fogo nutrido que causou inúmeras baixas nos franceses.

A's 6 horas da tarde os franceses começaram fazendo fogo de canhão mas—ignoram porque razões e o correspondente inglês não o explica—no dia seguinte sem dizerem «água vai», evacuaram a cidade e concentraram-se nos arredores, onde pouco depois se lhes foram juntar as mulheres e as crianças francesas.

No dia seguinte pela manhã os franceses começaram a bombardear Damasco. Esse bombardeamento durou 24 horas.

Enquanto os canhões colocados fora da cidade atiravam sobre esta os seus obuses, os aeroplanos lançavam bombas e varriam as ruas a tiros de metralhadoras.

Foi só no dia 20, pelo meio dia, que houve ordem para cessar fogo.

pletamente destruídos, entre outros o palácio de Azm onde era o Instituto de Arte e Arqueologia muçulmanos, que encerrava uma preciosa coleção de objectos raros provenientes das recentes descobertas arqueológicas na Síria.

O correspondente do Times acusa as autoridades francesas de terem retirado da cidade todas as suas tropas avisando disso somente os franceses, deixando assim os outros estrangeiros à mercê dos piores perigos.

Por fim, o jornalista inglês afirma que só pela força os franceses conseguiram manter a ordem em Damasco, mas que, pelo que diz respeito ao Djebel Druse, esta região ainda lhes há de custar muito sangue.

Eis, caros leitores, as delícias da civilização francesa.

A cavalaria francesa faz das suas...

PARIS, 30.—Os últimos telegramas recebidos no ministério das colónias dizem que a cavalaria francesa conseguiu dispersar os bandos de druses acumulados na região ao sudoeste de Damasco.

Uma nota oficial desmente categoricamente que as tropas do general Gamelin tivessem sofrido grandes perdas.

A Inglaterra não interveio

LONDRES, 30.—Uma nota do Foreign Office desmente o boato de que a Inglaterra tivesse pedido explicações à França por causa dos incidentes de Damasco.

Um protesto contra o bombardeamento de Damasco

JERUSALEM, 30.—O comité executivo do Supremo Moslem enviou uma delegação a Lord Plumer, pedindo-lhe para transmitir à Sociedade das Nações o seu protesto contra o bombardeamento pelos franceses da cidade de Damasco, o mais antigo lugar habitado em todo o mundo.

O general Sarrail submetido a conselho de guerra

PARIS, 30.—O primeiro acto governamental do novo ministério Painlevé foi o de chamar a Paris o general Sarrail, alto comissário da Síria, que será demitido e provavelmente submetido a conselho de guerra. O seu sucessor ainda não foi nomeado.

Os druses defendem-se

PARIS, 30.—Notícias da Síria anunciam que os druses cercaram no deserto a coluna do general Gamelin, constituída por 3 regimentos de infantaria e forças de cavalaria e artilharia.

As barbaridades dos franceses

LONDRES, 30.—O cônsul americano em Damasco confirma que as autoridades militares francesas apenas notificaram os cidadãos do seu país residentes naquela cidade, do bombardeamento, ao passo que os outros cristãos e cidadãos de outras nacionalidades foram colhidos de surpresa.

O cônsul britânico apresentou já a sua reclamação contra os estragos sofridos pelos súbditos ingleses.

Entre os edifícios bombardeados conta-se a cadeia, em cujos escombros pereceram 1.200 presos.

Os franceses entraram na cidade entre milhares de mortos e perderam seis mil homens desde o início da revolta, em agosto último.

Contra as deportações

Um protesto do Grémio dos Jovens Lusitanos e um convite significativo ao ministro da Instrução...

O Grémio dos Jovens Lusitanos aprovou na sua última reunião, uma moção de protesto contra as deportações, da autoria do dr. sr. Nóbrega de Quintal, que gostosamente, e na íntegra, passamos a reproduzir:

«Considerando que o governo Vitorino Guimarães ordenando a deportação de vários indivíduos para a Guiné e Cabo Verde e o governo Domingos Pereira mantendo essa deportação, mais do que uma ilegalidade, fizeram uma verdadeira afronta à consciência republicana; considerando que a deportação de autênticos criminosos é sempre indefensável porque é contra a Constituição e contra a lei, mas que atingindo também inocentes, como é de presumir no caso presente, torna-se numa medida verdadeiramente odiosa e abominável; considerando que só a polícia defende as deportações porque elas são a obra sinistra do seu ódio estúpido e brutal; considerando que as deportações constituem uma ameaça à liberdade de todos aqueles que amanhã se tornarem incómodos a qualquer governo; considerando que as constituições de todos os países do mundo dão a todos os indivíduos a garantia de serem julgados pelo juiz competente; considerando que a manter-se o princípio das deportações os cidadãos da República individualmente em piores circunstâncias do que os contemporâneos da Inquisição a quem não se negava o direito de defesa; considerando que as massas trabalhadoras frequentemente vítimas das violências e brutalidades da polícia, estão justamente indignadas e alarmadas com as deportações; considerando que o dr. sr. João Camões, actual ministro da Instrução e nosso conselheiro, na Câmara dos Deputados, e antes de ser membro do governo, combateu as deportações; considerando que este grémio não pode ficar indiferente ao atentado às liberdades públicas que essas deportações representam; proponho:

- 1.º, que a assembleia encarregue o presidente de nomear uma comissão à qual é confiada a missão de se avistar com o ministro da Instrução para manifestar-lhe não só o protesto do Grémio contra as violências policiais mas também o seu desposto por ver a fazer parte de um governo que não põe termo a essas violências;
- 2.º, que a referida comissão se mantenha constituída até o regresso dos deportados e empregue todos os esforços no sentido de conseguir esse regresso, denominando-se Comissão Pró-deportados do Grémio Republicano Jovens Lusitanos;
- 3.º, que se ofereça ao ministro da Instrução a presidência de honra da mesma comissão.

NACIONAL

Dizem-nos que a peça «Miragem», com que inaugura a época de inverno este teatro, tem lindos e artísticos cenários e que a interpretação está entregue aos melhores artistas; daí a ansiosa curiosidade do público em conhecer o novo original de Carlos Selvagem.

A pungente descrição dos espancamentos de que foram vítimas os presos que se encontram na esquadra do Caminho Novo

Com o pedido de publicação que gostosamente fazemos, recebemos uma carta assinada pelos presos Rodrigo Rodrigues, Adolfo Joaquim de Sousa, Manuel Tavares da Silva, Severiano Faria Coelho e Francisco Ramos Graça que se encontram na esquadra do Caminho Novo:

«Camarada redactor: Temos lido em vários jornais que o chefe Tavares, da polícia de investigação, foi encarregado de proceder a um inquérito aos espancamentos de que foram vítimas alguns presos.

Como vítimas que somos dessa barbaridade desde já denunciamos a falta que representa o referido inquérito, pois dos espancamentos realizados de madrugada, em gabinetes herméticamente fechados, apenas são testemunhas as vítimas e os autores. Como poderá o chefe Tavares inquirir judiciosamente dos espancamentos, quando os espancados já poucos vestígios conservam das agressões?

Se ainda há pudor e se se quer fazer um inquérito de verdade creia-se no depoimento que a seguir fazemos:

Severiano Faria Coelho foi encerrado às 3 horas num gabinete e ali espancado pelos agentes Campino, Lains, Reis e pelo próprio chefe Xavier. Foi tão bárbaro o espancamento que quando o preso recolheu à esquadra do Caminho Novo teve de ser assistido por um médico e um enfermeiro. Estes dois senhores são duas importantes testemunhas.

Rodrigo Rodrigues foi metido num quarto e ali bárbaramente espancado ao ponto de ficar surdo. Como foi agredido na esquadra, apenas pôde distinguir o agente Campino.

Manuel Tavares da Silva pela 1 hora foi espancado pelos agentes Piedade e Armelino. Quando recolheu à esquadra do Caminho Novo ainda tinha sinais bem visíveis.

Adolfo Joaquim de Sousa foi fechado num gabinete, vibrando-lhe o chefe Xavier uma violenta acetada que o prostrou. Conduzido ao posto médico do governo civil foi-lhe feito o devido curativo. Levado novamente para o gabinete da agressão, os agentes Piedade e Campino agrediram-no com requintada crueldade.

O pessoal da esquadra do Rato para onde depois foi conduzido, pode testemunhar o estado em que ele ali deu entrada.

Francisco Ramos Graça foi selvaticamente agredido à bengalada, num gabinete convenientemente fechado, pelos agentes Piedade e Xavier e um outro indivíduo que não conhece. Ficou em tal estado que hoje passados 5 meses ainda não pode levantar o braço esquerdo.

Isto é o que se passou com referência aos presos que se encontram na esquadra do Caminho Novo.

Mas por esta «simples» amostra se poderá avaliar o que foi a acção da polícia no consultório xavieirista e contra a qual se fala agora em procedimento judicial.

Foi destituído o carrasco da Dinamarca

Como estivesse já há trinta anos a receber o seu ordenado sem executar qualquer «trabalho» foi destituído o carrasco da Dinamarca.

Em Portugal não há receio que tal venha a suceder porque se restabeleceu a pena de morte sem que houvesse necessidade de nomear um determinado bandido para carrasco.

Lucília Simões

Esta notável artista interpretará na próxima semana em São Carlos as protagonistas das peças «Magda» de Sudermann e a «Casa da boneca» de Ibsen.

O Depósito de Degredados de Loanda tem dúvidas sobre um condenado

Da Arcada enviam-nos a seguinte nota: «Segundo uma comunicação do comandante do Depósito de Degredados de Loanda, que deu entrada no ministério das Colónias, apresentou-se ali António Mendes Teixeira, condenado na comarca de Bolama em 25 anos de degredo. Não concordando as suas características com as mencionadas na guia e esta ter várias emendas, não ressalvadas, o que leva a supor que o indivíduo apresentado não é o real daquele nome, o comandante do Depósito pediu ao ministério das Colónias que lhe sejam remetidas as características de António Mendes Teixeira, cujo processo se encontra na Relação de Lisboa.»

ACREDITA:

Tratava-se de um tuberculoso, a anemia, o excesso de fadiga, o enfraquecimento orgânico só tem um inimigo poderoso

NUCLEO CALCINA

TÔNICO ENERGÉTICO CIENTÍFICO

Usado pessoalmente pelos nossos primeiros médicos

Superior a todas as imitações nacionais e estrangeiras

LABORATÓRIOS DA FARMÁCIA SORMOSINO, Praça dos Restauradores, 13 LISBOA

Estradas em Africa

Segundo notícias recebidas de Angola, está quase concluída a importante estrada do Lobito a Balombo, que liga o litoral com a extensa rede de estradas do planalto de Benguela.

Doença súbita

José Mendonça, de 77 anos, residente no Alto dos Toucinheiros, A. P. L., 1.º, foi acometido de doença súbita, na rua de Marvila, falecendo quando era transportado para a Cruz Vermelha. O cadáver, verificado o óbito, foi para a morgue.

SOLIDARIEDADE

Pró-Casimiro Firmino

A festa que estava para ser realizada hoje em benefício deste camarada, por motivos imprevistos contrários à vontade da comissão, fica adiada para dia que brevemente se anunciará.

A interpretação dum médico

O dr. Pinto da Rocha, rua da Junqueira, 484, 2.º, com consultório na rua do Ouro, 292, 2.º, é o médico encarregado pela comissão administrativa das obras do Bairro Económico de Ajuda de prestar os seus serviços aos sinistrados daquelas obras, recebendo determinada quantia por cada consulta.

No dia 24 do corrente, sobre os olhos do servente Artur Cardoso, 16 anos apenas, caiu-lhe uma porção de cal. Imediatamente, por ordem superior, tendo em atenção que o acidente se poderia agravar, o ferido dirigiu-se ao hospital, onde lhe fizeram o primeiro curativo. Como no dia seguinte era domingo, o Artur Cardoso só no dia 26 procurou o médico para o tratar.

Que julga o leitor que o dr. Pinto da Rocha respondeu quando aquele operário se lhe apresentou como sinistrado do Bairro Económico de Ajuda?

Isto apenas: «O seu caso já se passou há 19 anos, por isso não tenho que o atender. Todos os operários do Bairro são vadios e vigaristas».

Convém frisar que este médico é o mesmo de que *A Batalha* há meses se ocupou a propósito do tratamento ministrado aos doentes a seu cargo.

Para se conhecer a psicologia daquele cavalheiro não é de mais saber-se que os moradores de Belém, Bom Sucesso e Pedrouços quando o vêm passar fogem espavoridos, porque o conhecem como desequilibrado.

Alberto DIAS

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

Concertos sinfónicos

E' esta tarde, em «matinée», às 3 horas, que em São Carlos inaugura a sua série de concertos a nova Sociedade Portuguesa de Concertos Sinfónicos, da qual a orquestra, de 90 executantes e sob a direcção do ilustre maestro russo Emile Cooper, executará o seguinte programa:

1.º. Ouverture: Tannhauser, Wagner; 2.º. Hércules Soturnes, Wagner; (Poème Sinfonique) Wassenko; 3.º. Cinquieme Symphonie, Beethoven; 4.º. Le Poème de L'extase; Skiabin.

Deste notável programa são completamente desconhecidos em Lisboa os n.ºs 2 e 4.

Para estes concertos que prometem ser revestidos de excepcional brilhantismo estão já tomados muitos lugares.

Notícias

Vai em breve voltar à actividade do teatro o distinto actor empresário Otelo de Carvalho, estando já muito adiantados os trabalhos organizados nesse sentido.

A sociedade artística do Nacional, nas condições em que vai trabalhar, reclama o mais decidido amparo do Estado e merece a melhor cooperação do público. Diz-se isto por dizer? Não! Porque se trabalha até muito e com honestidade e dedicação. Tiradas já as duas primeiras peças «Miragem» e um original estrangeiro muito interessante, a sociedade procede agora à escolha das que se hão de seguir, no desejo de produzir trabalho útil e esforço benéfico, tentando realizar honradamente um atraente e largo programa de arte.

Reclames

O mais animado dos espectáculos pode apreciar-se agora, em São Carlos, com a desopiantíssima peça «O Sinal de Alarme», em que Lucília Simões tem um trabalho esplêndido, de género absolutamente diverso dos que quase sempre interpreta. Amelia Pereira regendo o «Jazz da Calatua» com pretos autênticos, desperta as mais vibrantes gargalhadas que não deixam igualmente de ouvir-se em numerosas cenas da peça, que as tem, do maior relevo cómico.

O público que vai ao São Luís todas as noites se enche de Maria Pires Marinho e Almeida Cruz, na «Canção do Olvido», a lindíssima canção repassada de ternura e de melodia que é a Canção de Marinha; e a «Serenata dos Soldados» que é a mais bela demonstração de que podemos ter certos afinados em Portugal; e o famoso e arrebatador duo concertante de Lonnello e Rossini, por aqueles dois distintos artistas cantores.

Ainda que o espectáculo não fosse o deslumbramento que é em luz, em cenários e em factos, bastariam estes três lindos e inspirados números para justificar os encheites.

Novo programa, e todo ele encantador é o de hoje no Salão Olímpia. E' assim que gloriosamente continua a manter a sua linha de arte e de bom gosto.

ACABA DE SAIR

O Sindicalismo Revolucionário e a Organização Operária

Por Rodolfo Rocker. Fugoso escritor e um dos maiores oradores da Alemanha, membro da A. I. T. Folheto com 32 páginas, com um esboço biográfico do autor: Preço 1800.

Pedidos à administração de *A Batalha*.

A revolução Social e o Sindicalismo

Por Arknoef. Preço 550.

Contra o assalto à C. G. T.

O Sindicato da Construção Civil, em reunião da assembleia geral, aprovou um energético protesto contra o assalto à sede da C. G. T.

TEATRO S. CARLOS

HOJE — «Reprise» da sensacional peça

CAMPANHA DE ALARME

Sexteto sob a direcção do celebrado violinista

René Bohet

Bilhetes sem locação

EDEN TEATRO

N.ºs 21,15 (9 e um quarto) — HOJE — INAUGURAÇÃO DA ÉPOCA DE INVERNO — Espectáculo inteiro

Representação de revista em 2 actos e 10 quadros, original de João Sarama e António Carneiro, música dos mestres Vilpe Duarte e Nicolino Miliano

NO PAÍS DO TIRISMO

Os principais papeis pela distinta actriz GEMILDA DE OLIVEIRA. — Os «compères» por Henrique Alves (Boa Vida) e Guilherme Caupers (Bob)

Os restantes papeis por Justina de Magalhães, Dinah Stiehl, Zulmira Bettencourt, Dulce de Almeida, Ricardina Maia, Vina de Sousa, Maria Emilia, Cesarina Henriques, Meia Rente, Georgina Gil, Adriana Freitas, Ilda Silva, Lucinda Gonçalves, Fernanda Edith, etc. — Artur Rodrigues, Alfredo Henriques, Nilton Miranda, Armando Machado, José David, Carlos Alves, Reinaldo Azevedo, António Rosa, Carlos Dubini. — Direcção musical de Nélves Coelho.

Quarteto de Castelo Branco. — Secundários nos de Augusto Pina, Luis Salvador, José Mergulhão, Raul Campos e Reinaldo Martins. — Cabelleiras de Vitor Manuel. — Encenação de Henrique Santana e Henrique Alves.

'A Batalha' na provincia e arredores

Portimão

Sacrificando a vida dos marítimos

PORTIMÃO, 29.—Na ansia de fazer fortuna e também por estúpidez, alguns mestres de cercos a vapor, desta localidade, vêm pondo em perigo a vida dos camaradas marítimos que formam a companhia dos ditos cercos, sem que estes usem protestar contra tão grande crime. Assim, há dias, quando o mar se encontrava bastante bravo, o mestre Mercendo fez sair o cerco de que é mestre barra fora, quando o oceano ameaçava de morte todo aquele que quizesse brincar com ele. Isto não se passou sem o protesto da maioria dos mestres, porque, reconhecendo quanto era perigoso «sair a barra», se deixaram ficar fundeados no rio, afirmando todos eles que o cerco de Mercendo fazia era para ficar nas graças do gerente e do patrão. Disseram ainda esses mestres que se, na maioria das vezes, saíam com mau tempo eram quasi obrigados para não serem tomados à conta de cobardes ou perderem as graças do patrão e encarregados. Se a loucura do diabo e o servilismo persistirem, teremos de muito breve lamentar a perda de alguns camaradas que irão pagar com a vida as fanfarronadas dos Mercendos toleiros, que para poder expor mais uma mobília ao público, irão sacrificar a vida de dezenas de homens.

Mas tudo isto se faz sem que as companhias protestem, negando-se a obedecer às ordens de qualquer impostor que não tem respeito algum pela vida do seu semelhante.

Enquanto os camaradas marítimos não se organizarem terão de suportar todas estas tiranias e serão sempre movidos pelas mãos desses mestres que só querem fazer fortuna à custa dos sacrifícios das suas vidas.—C.

Cabeço de Vide

Uma queixa disparatada

CABEÇO DE VIDE, 29.—Há nesta terra um indivíduo chamado Pedro Capão que há pouco tempo não tinha com que dar de comer à família, e agora, devido a várias proteções, possui um depósito de farinhas.

Esse indivíduo disse há tempos à mulher do nosso camarada António Lú, quando este se encontrava ausente da terra, que o «rufo» do seu marido nunca mais ganharia pão para ela.

Esse nosso camarada quando regressou a Cabeço de Vide foi pedir-lhe explicações e ao mesmo tempo reclamar-lhe 19550 que lhe devia, produto da venda de 10 quilos de farinha que foi recusada por ser pobre.

O Capão foi todo ofendido ao posto do N.º 1, e conseguiu que o 2.º cabo António Crespo resolvesse proceder a umas investigações a fim de processar António Lú. Este disparate serve para demonstrar que as autoridades só se movem quando se trata de prejudicar trabalhadores.

Vila Real de Santo António

Exploração revoltante — Propaganda monárquica

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO, 29.—Existe, nesta localidade, uma fábrica de lata vazia pertencente à firma Sanches & Barroso, onde se exerce sobre o pessoal uma exploração revoltante.

A dita fábrica, tem estado paralisada há alguns meses por falta de trabalho, tendo reabrido ultimamente. Sucede, que antes do seu encerramento, estavam as operárias a trabalhar de empreitada, mas agora foram trabalhar, e nada lhes disseram se era de jornal ou de empreitada. E qual não é o espanto das operárias ao darem-lhes a notícia de que o trabalho era a 5500 as 8 horas, isto depois de 3 dias de trabalho na convicção de que continuariam a trabalhar de empreitada. Com esse processo de trabalho faziam 60 e 65 caixas de lata a 200 o que perfaz 12500 ou 13500 esc. diários.

Agora oferecem-lhe 5500, portanto, ficam roubadas em 6 a 7 escudos por 8 horas.

As pobres mulheres reclamaram contra o roubo que lhes era feito mas não as atenderam. Os industriais valendo-se da falta de trabalho e consequente miséria tripudiam sobre as mulheres. Aos operários da aludida fábrica não lhes foi feita redução alguma talvez por serem menos propícios às suas ambições.

Na vizinha povoação de Caçela, a pretexto de um jantar realizou-se uma sessão de propaganda monárquica na Quinta do Conselho Frederico Ramirez, um dos candidatos a deputado monárquico pelo círculo de Faro, a qual assistiu o celebre Carvalho da Silva o defensor dos senhores no parlamento. Os políticos andam furiosos, atirando-se a toda a gente à caça de votos para os elevar às cadeiras do poder.

TIVOLI

TEL. N.º 341

A'S 8 HORAS E 3/4

PENÚLTIMA EXIBIÇÃO DE

PARIS

Grande fantasia cinematográfica em oito partes

A inundação

Comédia em cinco partes

REVISTA MUNDIAL

A'manhã: — «Matinée» às 3 horas

TEATRO APOLO

ÚLTIMAS RÉCITAS DO BRILHANTE DRAMA

O SALTIMBANCO

ESTREIA da actriz Na próxima semana a peça do dramaturgo IBSSEN

O INIMIGO DO POVO

Todo o operário tem o dever de possuir este livro

A educação moral da criança na família

Por Benoit Boudin. — Tradução de Emilia Costa. — Livro premiado em concurso na Bélgica, pela sua importância social. — Um verdadeiro manual de Educação, que todos os pais, tutores, professores, envidos devem possuir para saberem conduzir a educação das crianças. — Preço 5500, pelo cor. 5533. Não nas livrarias. Pedidos a Biblioteca Republicana, do J. Cardoso, r. Poais de S. Bento, 27-29 — Lisboa

Soc. Comercial de Teatros, L.º — Direcção artística de HENRIQUE SHITMAN

Telef. N.º 3300

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

Um pouco da psicologia dos operários que se alheiam das suas reivindicações

Duma viagem, trazemos sempre, impressões. A última que fizemos à capital, deixou-nos má impressão por constatarmos que a despeito de todas as vicissitudes o operariado não tem, pelos seus interesses, aquela atenção que era mister. Estamos ante uma crise de trabalho intensamente mais terrível do que aquela que nos assolou o ano pretérito. A despeito de se constatar muitos promettimentos, feitos agora pelos homens que querem ser guindados a altos corleus, não é mesmo possível evitar que em todas as indústrias se dê o terrível enfraquecimento da falta de trabalho e abundância de braços.

Não faltará, como é de esperar, a não menos ordinária especulação, que nestas emergências é uso, com a baixa dos salários. É então, por estes motivos e por muitos mais, que desnecessário é enumerar, o operariado tentará, como é lógico, resistir tanto quanto em suas forças cuba, para que o já míngua salário não sofra outra redução. Porém nessa altura entrará na linha estreminhada, como a querer desbaratar-se do terrível peso do que o oprime e que o coage a ver lucidamente a ordem natural das coisas. Não conseguirá porque a sua mente, aclimatada a coisas que a classe abastada lhes proporciona para o afastar do campo da actividade, achará pesada, enfadonha a luta de classes, e nessas horas então parecer-lhe há preferível aceitar uma baixa do que evitar o goso fútil que para ele então é objecto, dos seus mais caros desejos.

O homem que se esfalta em oito horas de trabalho diário, necessita também recrear o espírito. Porém em nenhum dos desportos encontramos qualidades para nos distrair útilmente.

Pelo contrário eles não têm mais do que as particularidades nefastas de nos fazerem ser amigos da estúrdia e da frescada, e tornam-nos incapazes amanhã de encarmos uma situação seria. Com tudo isto, queremos nós dizer que o operariado lisboeta procura mais os divertimentos do que os agrupamentos operários. Além de não respeitar o descanso dominical, comete ainda a falta de não discutir senão sports e ler com suma atenção os ataques feitos ao órgão cegista pelo periódico do sr. Trindade Coelho.

Dá isto em resultado uma dispersão de energias que postas em benefício da causa dos trabalhadores seriam úteis. Para completa illicação contaremos um caso que os agrupamentos operários, Brago de Prata viu-nos durante sete anos crescer e folgar despreocupadamente.

Temos dessa localidade saudosas recordações e por isso, quando pisamos terreno alfacinha, roubamos uma escassa hora para fazer-nos uma visita, que nos é grata sempre. E lembremos, então, tudo quanto fizemos. O que era então o Poço do Bispo, e o que é agora? Que radical mudança! O estabelecimento de Abel Pereira da Fonseca; foi justamente aqui que nós presenciámos uma cena de confrangir a alma!

Estavam dois operários em pose. Na mão um copo com vinho; outro, uma garrafa; cigarro ao canto da boca e bonés puxados para os olhos.

Senti em todo o meu ser um frémito de revolta, ao mesmo tempo uma vaga de dó ao ver que aqueles párias eram nem mais nem menos do que manjeiões entes às ordens dum patrão... e dum copo de vinho! Pensei depois fazer como Voltaire, cobrir toda aquela gente de improperios, arrancar-lhes das mãos o copo e a garrafa, e esmagar tudo contra a parede.

No Beato o trânsito estava interrompido: uma zaragata devido a teimas acérricas da provável vitória do Caracelinhos. Era, entre operários aquilo. Oh! quando então sendo tão roubados, quando a burguesia cerra fileiras, para lhes destruir as poucas regalias, aqueles dois jovens, cheios de vida, estão-se esmurçando por aquilo.

E muitas mais cousas eu tive ocasião de ver nas escassas horas em que me dei ao trabalho de ver a cidade e partes limitrofes. Ao pé do teatro do Ginásio, alguns trabalhadores em andaimo. Cheguei a ter o desejo saivagem de querer que o andaimo se escangalhasse, para depois os ir buscar e dizer-lhes frente a frente, cara a cara, toda a revolta que me ia na alma, por ver que estavam a trabalhar ao domingo, quando há tantos, tantos, que nem de semana têm onde empregar-se.

Enquanto estas cousas se passam, os pa-

Agenda de A BATALHA

CALENDARIO DE OUTUBRO

D.	4	11	18	25	HOJE O SOL
S.	12	19	26		Aparece às 7,02
T.	13	20	27		Desaparece às 17,38
Q.	7	14	21	28	
Q.	1	8	15	22	29
S.	2	9	16	23	30
S.	3	10	17	24	31

MARES DE HOJE
Praiamar às 2,25 e às 2,45
Baixamar às 7,55 e às 8,15

CAMBIO

Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque		95\$25
Madrid, cheque		2882
Paris, cheque		883
Suiza, cheque		3882
Bruxelas, cheque		886
New-York, cheque		19\$65
Amsterdão, cheque		7892
Holanda, cheque		878
Brasil, cheque		3800
Praga, cheque		859
Anéctia, cheque		5827
Anstria, cheque		2878
Berlim, cheque		4869

ESPECTACULOS

TEATROS

Nacional.—Não há espectáculo.
São Carlos.—A's 21,30—O Sinal de Alarmer.
A's 21,30—Martinez.
Politeama.—A's 21,30—Quando o amor acaba.
Riudo.—A's 21,30—O Salmibanco.
Gimnasio.—Não há espectáculo.
São Luis.—A's 21—A Montaria e o Canção do Ovidio.
Trindade.—Não há espectáculo.
Hoselha.—A's 21,15—O Pão de Ló.
Eden.—A's 21,15—No país de tirismo.
Marta Vitória.—A's 20,30 e 21,30—Rataplan.
Coliseu.—A's 21—Companhia de circo.
Sido Toy.—Animatografo e Variedades.
Gil Vicente (a Gracia).—A's 20—Animatografo.
Frenida Parque.—Todas as noites. Concertos e diversões.

CINEMAS

Tivoli—Olimpia—Central—Condes—Chiado Terrace—Ideal—Arco Bandeira—Promotora—Esperança—Tortoise—Cine Paris.

PEDRAS PARA ISQUEIROS

Metal Auer, assim como todas as peças, tubos, molas, chaminés de 1 a 5 peças, lampas. Vendem-se no Largo do Conde Barão, n.º 50 e quocoso. Dirigir pedidos a Francisco Pereira Lata e a casa que trabalha em melhores condições.

LIMAS NACIONAIS

Só a grande falta de propaganda tem dado lugar a que ainda hoje se consumam em Portugal limas estrangeiras, visto que as limas marca "Touron" da Empresa de Limas, produzidas em Portugal, rivalizam em preço e qualidade com as melhores limas do mundo. Experimentem, pois, as nossas limas que se encontram à venda em todos os bons estabelecimentos de ferragens do país.

"A BATALHA" No Funchal vende-se no Bureau de La Presse.

trões vão procurando a maneira de baixar os salários, vão insinuando, sem desfaitecimentos, que o operário se deve sacrificar para que a estabilidade social seja um facto. para que o sossego na sociedade deixe de ser um mito.

Anda então um punhado de abnegados, clamando contra os crimes hediondos da polícia, não encontrando, por esta forma, os seus protestos o eco que era mister naqueles que trabalham.

Mas são horas de com cabeça se encerrar, como é mister, a situação presente, de maneira a fazer interessar na luta aqueles operários que só se importam com as excêntricas contemporeanas!

Não pode continuar assim. Temos que agir mas de maneira que resultados práticos sejam alcançados!

O operariado de Lisboa não se interessa, como convém, pela sua situação, despreza-a até para ligar importância a banalidades que desportivas interesse poderiam vir a ter se fossem praticadas com o intuito nobre de cultivar o homem fisicamente.

Custa dizer-las, mas os trabalhadores da capital não dão o exemplo de trabalho assíduo para o bem estar social! Como pode da província esperar-se qualquer coisa? Marinha Grande.

Joaquim Alves de FREITAS

A todos os sindicatos operários do país

Vai A Batalha publicar um almanaque para 1926 no qual tenciono inserir uma lista, o mais completa possível, de todos os organismos existentes no país. Para esse efeito solicitamos de todos os sindicatos que preencham o questionário abaixo e o enviem urgentemente à nossa administração.

QUESTIONARIO

Título do Sindicato _____

Sede _____

Data da fundação: dia _____ de _____ do ano de _____

Tem escola? _____ Para crianças? _____ Para adultos? _____

indicar a quantidade de alunos).

População associativa: _____

homens _____

mulheres _____

Mais sindicatos instalados na sua sede _____

ou na mesma localidade (freguesia ou concelho): Títulos e sedes: _____

Sindicatos da mesma especialidade ou indústria noutras terras do país: Títulos e sedes: _____

A's duas últimas perguntas basta que se indiquem os sindicatos que não estejam federados ou não tenham federação de indústria. Este questionário deve ser cortado e depois de preenchido enviado em envelope aberto com estampilha de 15 centavos; vindo acompanhado de ofício, em carta fechada com a estampilha de 40 centavos.

Este questionário deve trazer o carimbo do sindicato

Serviço de livreria de A BATALHA

FOLHETOS

Eliseu Reclus — Anarquia e a Igreja	1\$00
Gonçalves Correia — A Felicidade de todos os seres na Sociedade Futura	\$50
José Prat — A burguezia e o proletariado	\$50
A necessidade da Associação	\$50
Content — Contra o confusãoismo	\$30
Alfredo Neves Dias — Razão (poema social)	\$50
Landauer — Social Democracia	\$30
R. Mela — O principio do fim	\$30
A maçonaria e o proletariado	\$30
J. Most — Peste religiosa	\$50
J. Rio	
Trovas da noite	1\$00
Definições sociais	\$50
O Cavador (texto)	1\$00
Horas anárquicas (versos)	\$50
Carnet de Pensamento	\$20
J. Bakunine — No sentido em que somos anarquista	\$50
Chueca — Como não ser anarquista	\$50
B. Lazare — A Liberdade	\$50
J. Etrevant — A minha defesa	\$50
Kropotkine	
A mocidade	\$50
Os bastidores da guerra	\$30
Moral anarquista	\$50
O espirito revolucionário	\$50
J. Guedes — Lei dos Salários	\$50
Briand — A greve geral	\$50
Roland — Russia Nova	\$50
A sindicalismo e os intelectuais	\$50

FOTOGRAVURA

TRICROMIA

ZINCOGRAFIA

DESENHO

GRANDE PREMIO

RIO DE JANEIRO 1908

GRANDE PREMIO E

MEDALHA DE OURO

LISBOA 1913

PREMIO DE HONRA

LEIPZIG 1914

OFICINA FOTOMECANICA

Largo do Conde Barão 49

LISBOA

TELEFONE

2554

C

Valério, Lopes & Ferreira, L.
FERRAGENS E FERRAMENTAS
Metais, cutelarias, talheres, louça esmaltada, parafusos, fundos para cadáveres, — guarnições para móveis —
Chapa ferro preta e zincada
Chapa de zinco, latão e cobre, antimónio, balanças, pesos e medidas, cravo para ferrador, serras circulares e de fita, etc.
64, R. DO IMPERADOR, 86 — LISBOA — TELEFONE 3930, N. GRAMAS, FERRAGENS 13

FATOS COMPLETOS E SOBRETUDOS
em boas fazendas de lã com bons forros desde 149\$00
IMPREMIUNIS INGLESES com dinto e capuz, desde 149\$00
CAPAS ALENTEJANAS desde 189\$00
CALÇAS desde 39\$00
ABATIMENTOS PARA REVENDA
O CHAVES DO CONDE BARÃO
170, Rua da Boavista, 172

IMPOTÊNCIA
Comprimidos de cloridrato de yohimbina quimicamente pura do dr. R. Wolff — Berlin
Medicamento precioso, sempre que seja necessário tonificar o aparelho genital. Não tem secundários. Os seus efeitos são garantidos, não tendo os inconvenientes de outras substâncias indicadas com o mesmo fim, visto que não se acumula no organismo e não produz efeitos secundários nos rins.
Resultados garantidos para ambos os sexos
Não confundir este produto com outros similares
Envia-se oculto — Preço: 17\$00; pelo correio, 18\$00
R. vende no Freguesia e Depósito geral para Portugal e Colónias
Fernando da Silva
188, Rua da Madalena, 190 e nas seguintes farmácias:
A. VENDA SO NESIAS CASAS
FEM LISBOA — Farmácia MENDES BRAGA, 137, Rua do Mundo, 135. — Farmácia PORTUGAL, Lda. — Rua Augusta, 218
NO PORTO: Farmácia Central de SALGADO LENCART, R. 31 de Janeiro, 203

Policlinica da Rua do Ouro
Entrada: Rua do Carmo, 98
Telefone N. 5353
Medicina, coração e pulmões — Dr. Armando Narciso — A's 4 horas
Cirurgia, operações — Dr. Bernardo Vilar — 4 horas
Fiebre, urinas — Dr. Miguel Magalhães — 10 horas
Fele e sífilis — Dr. Correia Figueiredo — 11 a 8 horas
Doenças nervosas, electroterapia — Dr. R. Loff — 4 horas
Doenças dos olhos — Dr. Mário de Matos — 4 horas
Garganta, nariz e ouvidos — Dr. Mário Oliveira — 4 horas
Estômago e intestinos — Dr. Mendes Beito — 2 horas
Tratamento de diabete — Dr. Ernesto Roma — 3 horas
Ecce e dentes — Dr. Armando Lima — 10 h.
Cancro e radio — Dr. Cabral de Melo — 4 horas
Reio X — Dr. José de Padua — 4 horas
Análises — Dr. Gabriela Beato — 4 horas

Sapataria Ideal Campolideense
de João da Costa Campos
Rua General Taborda, 9-B.
e Rua Conde das Antas, 108
Esta casa recomenda-se pelos seus preços muito económicos e pela solidão do calçado que vende.
Pois fabrica tudo que vende, grandes descontos para revenda.
Visitem este estabelecimento e comparem as suas condições de venda, pedidos ao Telefone Norte 5.509
"A Batalha" vende-se em todas as tabacarias

LA NOVELA IDEAL
Acaba de chegar o n.º 17 desta revista intitulada **Amor maldito**, de Federico Urales. Preço, \$50.—Pedidos à administração de A Batalha.

LUESAN
Anti-sifilítico eficaz, cómodo e económico adoptado por distintos clínicos
N.º vendem nas principais farmácias
Depósitos em Lisboa:
Farm. Azevedo, Irmão & Veloso, R. do Mundo, 24
Farmácia de Almeida, Filhos—Rossio, 31-32
Depósito no Porto:
Farm. dr. Moreno-Largo de São Domingos, 42-44

O conego, lendo.—O rei, depois de ter sido sagrado, ficou em Reims até à quinta-feira seguinte, donde partiu para ir ceiar e dormir à abadia de Saint-Marcoul, onde lhe trouxeram as chaves da cidade de Laon. No sábado 23 de Julho de 1429, o rei veio jantar e dormir a Soissons, onde foi muito bem recebido.

A Donzela dirigiu-se em primeiro lugar às barreiras da cidade, falou ao povo, pedindo-lhe com instância que renegassem o partido inglês e que voltassem a ser franceses.

Estas palavras foram acolhidas com entusiasmo; muitas mulheres em estado de gravidez e que deviam proximamente dar à luz, e outras, cujos filhos ainda não estavam baptizados, pediam à Donzela que lhes indicasse nomes de baptismo para seus filhos, que, segundo elas diziam, seriam para eles um sinal de protecção divina...

O bispo, com vivacidade e escrevendo.—A notar... importantissimo!... excelente! excellentissimo!

O conego Loysleu.—«Na sexta-feira, 29 de Julho, o rei apresentou-se diante de Châtea-Thierry; a Donzela falou ao povo, e a cidade rendeu-se. O rei demorou-se nesta cidade até à segunda-feira 1 de Agosto; neste mesmo dia foi pernoitar a Montmirail. Em terça-feira, 2 de Agosto, o rei entrou em Provins, onde foi não menos bem tratado do que nas outras cidades; ele demorou-se nesta cidade até sexta-feira próxima, 3 do mesmo mês de Agosto. No domingo 7, foi pernoitar a Coulommiers, e na quarta-feira, 10, a Ferté-Milon; na quinta-feira, 12, a Crespy, em Valois, e na sexta-feira, 13, a Lagny-le-Sec. Nesta cidade, uma mulher, banhada em pranto, atravessou a multidão que cercava a Donzela, e veio em soluções lançar-se a seus pés, suplicando-lhe que viesse ver uma criança que se achava moribunda, e que ela com uma palavra poderia fazer voltar à vida; esta pobre mulher, na sua ingénua admiração pela Donzela, atribua-lhe assim um poder divino, a semelhança de Jesus de Nazaré.

O bispo Cauchon, escrevendo com uma alegria sinistra.—Não daria este facto por cem soldos de ouro!... (Dilatando as suas monstruosas rentas cabelladas). Ah! que delicioso cheiro à fogueira e ao assado eu começo a sentir! Pode continuar, senhor conego.

O conego Loysleu.—«No sábado, 14, a Donzela, instruída pelas guardas avançadas enviadas por ela, que o inimigo se achava a pouca distância, mandou pôr, com a sua habitual prontidão, o exército em batalha na planície de Dammartin-en-Gouelle, designou o lugar de cada um e deu as suas ordens, como o teria feito um capitão consumado; porém os ingleses assustados pela atitude do exército real, não se atreveram a travar o combate... posto que muito superiores em número...»

O bispo Cauchon, com voz surda.—Oh! será da maior urgência, a fim de salvar a honra dos nossos amigos de Alençon, que a sua cobardia seja atribuída aos sortilégios de Joana!

O conego Loysleu.—«No domingo, 14 de Agosto de 1429, a Donzela, o conde de Alençon, o conde de Vendôme, e outros chefes de guerra, acompanhados de seis a sete mil combatentes, acamparam perto de Montépilloy, a duas léguas de Senlis; o duque de Bedford e oito a nove mil ingleses defendiam as proximidades de Senlis, postados na distância de meia légua desta cidade, tendo na sua frente o pequeno rio da Nonette, e à direita uma aldeia chamada Nossa Senhora da Vitória. Escaramuçou-se dos dois lados, e à noite, cada qual voltou para o seu acampamento, com grande descontentamento da Donzela, que, contrariamente à opinião dos capitães e do rei, queria travar uma batalha geral.

Os ingleses aproveitaram-se desta lentidão para se entrenchear durante a noite com grande reforço de palicaças e de fossos, servindo-se igualmente dos seus trens de artilharia para se abrigarem, porque sabiam que eram defendidos na retaguarda pelo rio. Ao romper do dia, a Donzela, não obstante a oposição dos capitães, marchando à frente de alguns

companhias mais decididas, que sempre lhe obedeciam, dispoz-se a ir desafiar os ingleses mesmo ao pé dos seus entrenchearamentos; porém soube que, durante a noite, eles tinham abandonado Senlis e que se retiravam para Paris...

O bispo Cauchon.—Bruxaria!... diabrura!... é uma rapariga possuída do demónio.

O conego Loysleu.—«No dia de quarta-feira, 17 de Agosto, trouxeram ao rei as chaves de Compiègne, e na quinta-feira, ele entrou nesta cidade ao ruído estridente das aclamações do povo, que gritava com o maior frenesi: Viva a filha de Deus!...»

O bispo, continuando a escrever.—Filha de Deus! tu tens fanáticos bem imprudentes, minha amiga!

O conego Loysleu.—«Logo que o rei partiu de Crespy, ordenou aos marchais de Bouscay e de Retz que fossem intimar os habitantes de Senlis para que se rendessem; eles responderam que se renderiam não ao rei, mas sim à Donzela, que eles consideravam como enviada por Deus.

O bispo Cauchon, escrevendo.—Enviada por Deus, vamos, esses patifes também eram capazes de levar cada um o seu braço de lenha para a tua fogueira!

O conego Loysleu.—«O rei quis, com grande pesar da Donzela, pernoitar em Senlis, em vez de seguir para diante; ele mostrava-se satisfeito com os resultados obtidos até ali, e parecia não desejar mais nada. O conselho real foi dessa opinião, porém a Donzela pretendia, pelo contrário, que bastaria que o rei se apresentasse diante de Paris para que esta cidade abrisse as suas portas ao seu soberano.

Nada tema, senhor, dizia Joana ao rei; eu falarei com tanta doçura aos parisienses que eles desejariam mais tornar a ser franceses do que conservar-se ingleses.

O bispo Cauchon.—Que demónio de orgulho o desta vaqueira!... Ela não teme nada... Oh! há de pagar caro o seu infernal orgulho!

O conego Loysleu.—«No dia 23 de Agosto, que uma terça-feira, a Donzela, não obstante a oposi-

ção do rei e do seu conselho, partiu de Compiègne com o duque de Alençon, deixando ali o príncipe e o grosso do exército. Na sexta-feira seguinte, 26 de Agosto, a Donzela entrava sem a menor resistência em São Dinis, que se declara realista. A esta notícia, o rei, não sem alguma hesitação, marcha para esta cidade; mas o seu conselho opunha-se mais obstinadamente do que nunca aos desígnios da Donzela. Joana afirmava que se ela fosse escutada, entregaria os parisienses ao rei, da parte de Deus... e sem derramar uma gota de sangue...

O bispo Cauchon, com arrebatamento.—«Execrável hipócrita! ao ouvi-la, parece toda de mel... e, a sua voz homicida, os franceses tornaram-se algozes dos ingleses! (Continuando a escrever). Não esqueçamos de apontar a sobretudo como um monstro seqüioso de sangue.

O conego Loysleu.—«O duque de Bedford, informado da tomada de Senlis e da marcha da Donzela contra Paris, reforçou a guarnição e tomou medidas rigorosas contra os do partido armagnac ou realista que queriam voltar a ser franceses. O duque confiou especialmente a defesa das portas e das muralhas a ingleses ou a borginhões exaltados, capazes de resistir ao encanto das sedutoras palavras da Donzela.

Muitas vezes ela aproximava-se a cavalo e sósinha junto das barreiras, e suplicava aqueles que eram franceses como ela que não sofressem por mais tempo o domínio dos ingleses, que tanto dano causavam ao pobre povo de França; porém a gente do partido borginhão e os ingleses injuriavam-na, ameaçavam-na que atiravam sobre ela, posto que ela viesse para parlamentar... Então ela afastava-se, chorando a dureza do coração ou a cegueira daqueles que, sendo franceses, queriam ficar ingleses. Contudo, ela ouvia todos os dias as suas vozes assegurar-lhe que a Gália não seria salva sem que todos os ingleses fossem expulsos do seu solo ou exterminados...

O bispo Cauchon, continuando a escrever.—Sem-



MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

As "Trade Unions" recusam-se a obedecer aos seus chefes

O último congresso do partido trabalhista inglês revelou-nos bem o espírito reformista que predomina neste partido.

O congresso assemblou-se a uma assembleia de funcionários sob a direcção dum certo número de chefes. De facto a maior parte dos congressistas — três quartas partes — eram funcionários do partido trabalhista.

O presidente Cramp elogiou a «obra» do governo trabalhista, e os métodos reformistas, dizendo que o partido não queria política revolucionária.

Defendeu o plano Dawes, declarando que anulá-lo seria convidar os operários alemães a destruir a paz europeia.

Acrescentou que é inevitável uma crise industrial neste inverno na Inglaterra, mas que «qualquer que seja o pensamento das massas impacientes, os líderes responsáveis manifestar-se-ão pacíficos».

Mac Donald também pronunciou um violento discurso contra os comunistas: «A sua actividade, disse ele, reduz-se a dar ordens aos seus agentes no nosso movimento».

Em seguida foi aprovada por 2.870.000 votos contra 321.000 a expulsão dos comunistas do seio do partido.

A pesar de toda a miséria mental manifestada pelos líderes trabalhistas no seu congresso, há um facto consolador para nós que é o afirmar-se agora que as «Trade Unions» se recusam a submeter-se à ditadura absurda destes lacaios da burguesia.

O resultado da política defec-tista no movimento operário francês

A recente greve geral em França contra a guerra de Marrocos e carestia da vida não revestiu o carácter grandioso que merecia, devido, sobretudo, a que as organizações operárias daquele país têm, no geral, uma determinada etiqueta político-governamental, considerando como inimigo o operário das organizações com etiqueta diferente.

Pode-se dizer que na França não existe luta social. Todos os movimentos operários levam no fundo os interesses particulares do partido que os orienta, sacrificando-se o proletariado às ambições dos dirigentes.

Os chefes comunistas, apesar dos apelos à «revolução imediata», só se preocupam com o sufrágio e com as eleições de muitos deputados, encaminhando a sua acção para o terreno lamacento, onde até agora tem chafurdado a repugnante e odiosa social-democracia.

Aos nossos correspondentes

AVISO IMPORTANTE

Para boa regularização dos serviços do nosso jornal e maior facilidade de desempenho da missão dos nossos presados colaboradores, resolvemos substituir os velhos cartões de correspondente por uns cartões novos, que terão apestos a um canto a respectiva fotografia, reconhecida pela nossa chancela. Os novos cartões são revogáveis de ano para ano e estes servirão para 1925-26.

Convenhamos fazer uma substituição imediata, pelo que solicitamos aos nossos colaboradores e amigos se dignem enviar-nos os antigos cartões, acompanhados de duas fotografias pequenas, das quais uma ficará para nm registo indispensável ao nosso serviço e a outra voltará, como atrás referimos, colada no cartão.

Igual pedido fazemos aos camaradas que se nos ofereceram para novos correspondentes.

Esperando da atenção de todos a satisfação imediata desta impreter-nel necessidade, saúdo-vos

A DIRECÇÃO

O SINDICALISMO EM MARCHA

Está definitivamente constituída a Federação Têxtil

Está definitivamente constituída, em Portugal, a Federação da Indústria Têxtil — graças aos esforços de alguns militantes operários do mesmo ramo industrial.

Com a sua constituição muito virá a lutar o proletariado têxtil, o qual, apesar de ter encheido de ouro os cofres dos seus exploradores, vive na mais extrema miséria, devido à sua desorganização. E muito virá a lutar com a sua constituição, porque a Federação da Indústria Têxtil de Portugal — como as demais federações de indústria — tendo por fim estudar e aperfeiçoar as condições de trabalho do proletariado nas fábricas do seu ramo de actividade, tanto sob o ponto de vista técnico, como sob o ponto de vista profissional e moral, torna-lo há apto a, no presente, conseguir do patronato a maior soma possível de regalias e de bem-estar, lutando consistentemente pelas suas reivindicações; e, no futuro, gerir directamente a produção, em benefício da comunidade produtora.

A comissão administrativa da Federação ficou assim constituída: secretário geral, Darvím Castelhan; secretário adjunto, Manuel Cândido Machado; secretário administrativo, Joaquim Godinho; arquivista, Joaquim Saavedra, e tesoureiro, António Alves de Sá.

A sair por estes dias a 8.ª SERIE DE OS MISTÉRIOS DO POVO

Interessante romance histórico profusamente ilustrado desde as primeiras idades do homem até à revolução Francesa.

Assinatura: pelo correio cada série de 10 tomos com cerca de 320 páginas 600.

A obra mais barata que no género se publica

CRISE DE TRABALHO E BAIXA DE SALÁRIOS

Associação de Classe dos Carregadores e Descarregadores de Terra e Mar do Porto e Gaia

Em assembleia geral, reuniu esta colectividade sob a presidência de Avelino Pinto Leite.

Aprovada a acta, é lido o expediente, entre o qual o officio da União dos Trabalhadores Marítimos e Fluviais acreditando Joaquim do Carmo e David de Sousa como delegados a esta reunião.

Depois de Inácio Teixeira Bastos se referir largamente à situação em que se encontra a classe, Adelino Braga explica, em síntese, o que se tem verificado com as tabelas de preços, que não têm sido respeitadas como era devido. Assim, os barris de óleo que eram a 300, foram pagos a 120, e os sacos de adubo que eram a 175 foram pagos a 120.

Alvaro Ferreira, reforçando as considerações do orador precedente, atribui as responsabilidades dessa baixa de preços aos que fizeram esses contratos tão prejudiciais à classe.

Adelino Braga propõe para que seja nomeada uma comissão de estudo, a fim de se obviar a semelhantes anomalias.

Manuel Cartaxo declara que a baixa de preço do adubo da U. F. se constatou a meio do serviço, reputando a culpa a Dionísio, o qual, em determinada altura, exclamou: «Camaradas: aqui é a 120, mas também do outro lado é a 120».

António Sá Faria lamenta que os descarregadores só queiram trabalhar, não se preocupando com as tabelas preestabelecidas.

Paulino Monteiro diz que a pesar-de muitas vezes em sua casa se passar necessidades, nunca deixa de cumprir os seus deveres morais e materiais para com a Associação. Ninguém deve trabalhar senão de harmonia com os preços estabelecidos.

Falaram ainda sobre o assunto, Marques, Manuel Moreira e Aurélio Martins, salientando-se também a actividade que Joaquim do Carmo exerceu em tempos em benefício da classe dos carregadores, para a qual conquistou bastantes regalias e as sobras de defender.

Inácio Teixeira Bastos lamenta que se diga que ninguém defende os interesses dos descarregadores e explica o que para a mesma tem feito. Refere-se ainda para a inconstância daqueles que, tendo em determinada reunião expulsado alguns sócios, passada uma semana já queriam trabalhar com eles.

Depois de Joaquim do Carmo fazer diversas considerações acerca da acção que se desenvolveu no passado e a que se deve dispendir no presente, sem o que as regalias se perderão, é nomeada uma comissão de estudo, que fica constituída pelos seguintes camaradas: Adelino Braga, Avelino Pinto Leite, Manuel Moreira, António Moreira e Inácio Teixeira Bastos.

Esta comissão fica autorizada a agregar a si quem julgar conveniente.

A seguir foi lido e discutido o relatório do delegado ao Congresso Confederal e Conferência Marítima, sendo aprovado.

Corticeiros do Barreiro

BARREIRO, 30.—Reúnem os corticeiros desta localidade para apreciar uma circular da Federação Corticeira sobre a baixa de salários, sendo resolvido repelir a orientação que ela propõe sobre esta momentosa questão.

Depois de alguma discussão, foi aprovada uma moção com as seguintes conclusões:

1.º Não aceitar, por nenhum princípio, qualquer baixa de salários no actual momento, pois que o custo da vida permanece estacionário e alguns géneros alimentícios ainda têm subido de preço.

2.º Dar todo o apoio à Federação Corticeira em qualquer movimento que ela realize contra a baixa de salários, indo-se até a greve geral se tanto for necessário.

Manufactores de Calçado de Lisboa

Reúnem os operários do industrial Lopes da Costa para resolver sobre a desumana atitude deste que, à «outrance», pretende levar os operários a aceitar uma baixa de salários, mais uma vez se demonstrando os instintos especulativos deste industrial, que tem agora a aconselhá-lo a perfídia do encarregado de officina Artur Moura, já sobejamente conhecido pela classe.

Os operários, que se mostram dispostos a não transigir, reúnem novamente hoje, na sede do sindicato, às 21 horas, sendo necessária a comparência de todos os camaradas, internos e externos, bem como a classe em geral, para se integrar na marcha do movimento.

Tanoeiros

Realizou-se ontem a segunda assembleia magna para tratar da pretendida baixa de salários que alguns industriais desejam levar a efeito.

Tendo a assembleia anterior declinado na direcção para se entrevistar com aqueles industriais que estavam desrespeitando a tabela, ficou por estes assente que de futuro cumprirão o consignado na mesma tabela vista ela ainda não ter sido revogada.

Aprecion-se a estado da camarada João Parreira no armazém da Companhia Ibrica, sendo por fim, após longa discussão, o assunto entregue à direcção, que na próxima reunião apresentará um relatório sobre o caso, ouvindo para isso os camaradas que o acusam de estar traído a tabela.

Operários do mobiliário

Por absoluta falta de espaço, só amanhã será publicado o extrato da importante sessão magna de ontem, em que foram tomadas resoluções contra a baixa de salários.

A Comissão Central de Resistência reúne hoje, às 21 horas, para apreciar o resultado da demarche duma sub-comissão que hoje se avistará com o industrial Tojal, por este pretender baixar os salários.

Em Moçambique

De Moçambique informam que lavra ali uma grande crise de trabalho em todas as profissões, estando muitos operários euro-

A atitude da Federação Marítima

Associação de Classe dos Carregadores e Descarregadores de Terra e Mar do Porto e Gaia

Esta colectividade, reunida em assembleia geral para se ocupar de assuntos de interesse económico para a sua classe, apreciou detidamente uma circular dimanada pelo Conselho Inter-sindical dos Trabalhadores Marítimos e Fluviais do Centro e Sul (discrepantes da atitude da Federação Marítima)—circular, aliás, a que já nos temos referido nos relatos de outros organismos que sobre ela já se pronunciaram.

Após alguma discussão, foi aprovado o seguinte documento apresentado por Inácio Teixeira Bastos:

«A Classe dos Carregadores e Descarregadores de Terra e Mar do Porto e Gaia, reunida para tratar de diversos assuntos de interesse para a mesma, resolve:

1.º Sancionar conscientemente os trabalhos aprovados na Conferência Marítima de Santarém;

2.º Saludar todos os Sindicatos e militantes que nobremente romperam com os políticos da F. M.;

3.º Responder à 1.ª e 2.ª perguntas da circular do Conselho Inter-sindical do Centro e Sul, da seguinte maneira:

1.º Julga verdadeiramente suficientes as razões apresentadas, motivo porque advoga a imediata constituição da nova Federação;

2.º que as assembleias gerais podem apreciar o Estatuto, mas que é indispensável, em momento oportuno, a realização do Congresso Constitutivo da nova Federação.

Os ex-combatentes tuberculosos

Devido apenas à imprensa, tem ultimamente chegado ao conhecimento da Comissão de Assistência aos Militares Tuberculosos que alguns combatentes da Grande Guerra e considerados tuberculosos, estão sem recursos para se tratarem, sucedendo mesmo a alguns terem de esmolar na rua.

Está recomendado às autoridades civis pela circular do Ministério do Interior de 17 de Maio de 1920, que quando seja visto qualquer ex-militar pedindo esmola na via pública, alegando para mais se evidenciar, ter sido combatente da Grande Guerra, estar doente e na miséria, se previna dêsse facto pelo meio mais rápido a Comissão de Assistência aos Militares Tuberculosos.

Que da mesma forma se proceda quando essas autoridades estejam informadas da existência de qualquer ex-praça de pré-impossibilidade de trabalhar por doença e manifestamente pobre.

INSTRUÇÃO

Abertura de aulas

As aulas da Escola Commercial de Veiga Beirão abrem na próxima segunda-feira, 2 de Novembro, e as inspecções médicas para os alunos que se matricularem pela primeira vez, e que ainda não foram inspecionados, realiza-se no próximo sábado, 31 do corrente, às 14.30 horas, para os do curso diurno e às 20 horas, para os do curso nocturno.

Devem igualmente comparecer na Secretaria da Escola, até aquele dia, todos os alunos que ainda não assinaram o respectivo termo de matrícula a fim de legalizarem a sua situação.

Empregados de Escritório

Continuam abertas as matrículas para o curso profissional que a Associação de Classe dos Empregados de Escritório vai iniciar. Na sede desta associação, rua da Madalena, 225, 1.º, atendem-se todos os dias úteis, das 21 às 23 horas, os associados que queiram matricular-se.

HORARIO DE TRABALHO

As disposições legais

A secção editorial de A Batalha acaba de editar, em folheto, o decreto 5.516, de 7 de Maio de 1919 e respectivo regulamento publicado no Diário do Governo de 20 de Maio sobre o horário de trabalho, sendo o seu preço avulso de \$50.

Aos sindicatos que desejem adquirir quantidade far-se-á um abatimento de 50 por cento em pacotes de 50 folhetos.

Pedidos à administração de A BATALHA.

António Nunes Canha vai seguir para Africa e não tem recursos!

O nosso camarada António Nunes Canha, condenado a pena maior como autor da morte do gerente da União Fabril, Couto Viana, vai hoje ser submetido a inspecção médica, no Forte de Monsanto, a fim de seguir para Africa a cumprir sentença.

Como a situação de Canha é bastante crítica, sob o ponto de vista monetário, agravada agora com a doença da sua companheira, seria um gesto humanitário o operariado suavisar o sofrimento daquele operário, visto ele não contar com outros recursos.

Por assim o compreender, o camarada Manuel Maria Frazão, de Vale de Cavalos, oferece, os seguintes livros:

«Tribuna, filósofo e moralista», «Mais além da morte e do amor», de Albino Fozz de Sampaio; «Águas claras», de Orlando Marçal; «O Sindicalismo e a próxima revolução», de H. Dufour.

Estes livros podem ser procurados na nossa redacção.

peus sem trabalho, vivendo numa situação angustiosa.

Se a crise continuar, o governo pensa em repatriá-los. O alto comissário, em vista dêsse facto, já solicitou que não fossem mandados para a província mais colonos, que não tenham devidamente assegurada a situação na colónia.

AS GREVES

A classe corticeira votou para hoje a greve geral em todo o país contra uma nova tentativa de redução de salários

Os industriais da cortiça são dos mais ladravazes em toda a indústria nacional. Não tendo subido aos salários dos operários corticeiros na proporção dos sucessivos aumentos do custo das subsistências, estes industriais, mal se fez sentir os efeitos das medidas cambiais de governos anteriores, foram dos primeiros a tentar reduzir os salários.

Já na última semana de Setembro reduziram os salários aos operários em 10 %. Mas como quer que a sua ambição não ficasse satisfeita, mal passou um mês sobre a primeira redução e logo anunciaram que novos 10 % iam ser reduzidos, a partir da primeira semana de Novembro.

O Conselho Federal da respectiva Federação, reunido expressamente para se ocupar de tão grave questão, apreciou igualmente o estado económico da classe em todo o país e ponderou as circunstâncias criadas pela ambição desmedida dos industriais, considerando que só um movimento solidário e nacional de resistência por parte da classe poderia impedir mais esta extorsão injustificada e por isso mesmo criminosa, pois a nada atenderam no decorrer de negociações com a Federação Nacional Corticeira e em que esta se esforçou por evitar a greve.

Neste sentido enviou aos respectivos sindicatos a seguinte nota officiosa:

Acaba de reunir o Conselho Federal que apreciou a atitude criminosa dos industriais que querem reduzir mais 10 % aos já míseros salários que a classe auferia. Quis esta Federação, por todos os meios suscitados, evitar que a classe fosse para a greve mas não foi possível, porque aqueles senhores supõem-nos seus escravos e sem direito à vida.

Camaradas:—Não podia a classe neste momento deixar de travar luta com o industrialismo corticeiro, pois de contrário seria cair miseravelmente aos pés dos nossos exploradores consentindo assim que a classe fosse lançada numa maior miséria, visto constatar-se que os géneros indispensáveis à vida estão neste momento encarecendo novamente.

Concordou esta Federação que já fossem reduzidos 10 % nos salários do operariado da nossa indústria no intuito de que a crise de trabalho se atenuasse. Porém, esta em nada se modificou. E porquê? Porque os industriais estão possuídos de intenções reservadas ou seja: dispostos a reduzir à mais extrema miséria e a fome aqueles que os ajudaram, com o seu sacrifício, a amontoar as fortunas que possuem.

Espera, pois, esta Federação que esse Sindicato desenvolva todos os trabalhos e acção indispensáveis no sentido de não permitir a baixa de salários, mantendo-se a classe firme até que o «comité» da greve dê o movimento por terminado com vitória para a família corticeira de todo o país.

Esta Federação recomenda-vos que so deveis considerar oficiais as notas da comissão de «demarches» do Conselho Federal e do «comité» da greve que forem publicadas em A Batalha, isto para evitar confusões que possam influir na orientação do nosso movimento. Também deveis diariamente enviar notas das vossas resoluções e do estado da greve nessa localidade para A Batalha e para esta Federação.

A vante pela vitória da greve! Viva a solidariedade da classe corticeira!

Proclamação da greve—Aos operários corticeiros do país

«A Federação Corticeira Nacional considera, dentro da normalidade, esgotadas todas as diligências feitas junto dos industriais corticeiros para evitar a segunda baixa de salários que pretendem efectuar na próxima semana.

Como única forma de resistência contra semelhante iniquidade é proclamada a greve geral da classe em todo o país a partir do dia 31 do corrente, só devendo ser retomado o trabalho quando o «comité» dirigente do movimento o determinar.

O «comité» informará a classe, por intermédio dos sindicatos e por notas publicadas nos jornais, da marcha do movimento. Que nenhum camarada que se encontre sem trabalho se preste a traí-la aqueles que agora o abandonaram em defesa dos salários actuais, já que outros mais elevados se não podem conseguir. Firmes e solidários até final do movimento.

Viva a classe corticeira! Viva a greve geral!—A Federação Nacional Corticeira.

Uma saudação

«O «comité» da greve e a comissão de «demarches», ao iniciar-se este movimento de defesa do pão do operariado da indústria corticeira, enviam as mais efusivas saudações a todos os corticeiros, exortando-os a manter as velhas tradições revolucionárias da classe por uma constante prática da mais estreita solidariedade na luta energética contra os seus exploradores. —O comité da greve, a comissão de demarches.»

Quadro tipográfico de «A Epoca»

Por mais voltas que o sr. Figueiredo tenha dado ainda não conseguiu arranjar pessoal habilitado para a manufactura do jornal, a pesar de ter garantido à empresa que esta semana completaria o quadro tipográfico. Segundo consta, o sr. Figueiredo tentou abandonar o lugar de chefe, mas pretende deixar nessa officina a escuria dos indivíduos que só trabalham nos momentos de greve, traíndo assim as reclamações dos trabalhadores organizados. Não será muito fácil ao sr. Figueiredo levar por diante os seus intentos. A empresa deve recordar-se que sucedeu no Correio da Manhã a não há muito tempo. A officina ficou numa lástima. Isto não falando no resto. E tem exemplos em casa o filho do chefe e o ex-empregado da administração Arnaldo Silva. O tempo o dirá.

Na Gazeta dos Caminhos de Ferro o novo chefe da tipografia é o impressor Costa, mais conhecido pelo «Costa da Pera». Este indivíduo, amarelo confesso, tem sempre apanhado o pago da sua traíção. Na casa Cesar Pilotto foi despedido por incompetente dias depois de ter terminado um conflito com vitória. Na tipografia Branco

VIDA SINDICAL

C. G. T. Comité Confederal

Reuniu na passada segunda-feira e apreciou o conflito latente entre as classes dos Descarregadores de Mar e Terra e Corticeiros do Barreiro por motivo da mútua invasão de atribuições. Em virtude de este assunto ter sido começado a tratar pela anterior Secção de Federações e dever ser continuado pela futura Secção que procurará a forma de bem definir a situação e atribuições das duas classes, resolveu officiar aos referidos organismos aconselhando-os a que enviem esforços para que os seus componentes continuem a trabalhar dentro das normas estabelecidas até hoje, aguardando com serenidade e confiança as deliberações da Secção de Federações.

Constatando que os organismos que suspendam relações com a C. G. T. não se pronunciaram ainda sobre o convite que foi formulado pelo Congresso de Santarém, resolveu officiar-lhes, convidando-os a definirem, de vez, uma atitude.

Resolveu convocar a reunião do Conselho Confederal para o próximo dia 12 de Novembro, convidando para tal os organismos que ainda não nomearam delegados a fazerem-no imediatamente.

Nomeou delegado a uma sessão de propaganda em Santarém o camarada José Martins Orilo.

COMUNICAÇÕES

Pessoal de Câmaras.—Reuniu ontem esta classe em assembleia geral, para proceder à aprovação dos estatutos apresentados pelo Conselho Inter-Sindical das Classes Marítimas, os quais hão-de reger a Federação de Indústria de Transportes Marítimos e Fluviais de Portugal. Depois de devidamente apreciados e discutidos os seus capítulos foram aprovados por unanimidade.

Em seguida procedeu-se à nomeação de delegados à Câmara Sindical de Trabalho, até ao fim do corrente ano, sendo nomeados os camaradas Carlos Soares e José dos Santos Cadete.

CONVOCAÇÕES

DIAS PRÓXIMOS:

Ferrovieiros do Sul e Sueste.—Comissão de demarches.—Ontem a comissão de demarches avistou-se com o chefe do gabinete do ministro do Comércio, engenheiro Jales Guimarães em consequência de ser do conhecimento da classe uma exposição feita ao referido ministro pelo actual administrador geral dos Caminhos de Ferro do Estado, que arbitrariamente propõe uma redução aos reformados com menos de 25 anos de serviço, o que traz extremamente excitados os ferroviários do Estado, que se encontram numa situação deplorável sobre vencimentos para enfrentar a vida que de momento a momento mais se agrava.

Amanhã, reúne a classe, na sua sede no Barreiro às 21 horas e aí a comissão exporá à classe o resultado da entrevista havida com o engenheiro Jales Guimarães.

A classe está com bastante interesse nesta reunião.

Operários tanoeiros.—Igualmente foi apreciada a situação do camarada Fialho que está trabalhando nos armazéns da vivia Vieira, pois accusam-no de estar rebatendo vasilhame do norte, o que ele nega.

Foi officiado ao patrão marcando-lhe a direcção uma entrevista para a próxima segunda-feira, pelas 13 horas, para se definir a situação daquele operário, resolvendo depois a classe em última instância.

Federação Ferroviária.—Reuniu ontem a comissão executiva, tendo tratado de vários assuntos e apreciado os trabalhos a apresentar à reunião do Conselho Confederal. Os delegados ao conselho deverão passar pela sede da Federação, a fim de lhe ser indicado o local onde se realiza a reunião.

REUNEM-SE HOJE:

S. U. Metalúrgico.—Todos os delegados de fábricas e officinas, cobradores e delegados das secções, pelas 19 horas, a fim de levarem manifestos a distribuir a toda a classe, sócios e não sócios.

Secção de Belem.—Os cobradores, às 20 horas, para a distribuição de manifestos.

Secção do Poço do Bispo.—Os cobradores, às 20 horas, para se munirem de manifestos.

JUVENTUDES SINDICALISTAS

Núcleo de Lisboa.—Secção de Belem.—É necessária a comparência dos cobradores, hoje, pelas 20.30 horas, na sede da Secção. Reúne na próxima terça-feira, pelas 21 horas, o Secretariado Seccional.

SINDICATOS DA PROVINCIA

União dos Sindicatos Operários do Porto.—Com a presença de 12 sindicatos, reuniu esta União Local, sob a presidência do delegado dos teneiros.

após o pessoal ter vencido uma greve em que se lançara pró-aumento de salário, safu dessa casa, e como prémio do seu feito não foi aumentado.

O sr. Dornelles que por todos os processos tem querido arranjar pessoal, também lhe dará a recompensa condigna. Esse indivíduo costuma mudar de nome para fugir às responsabilidades, pois em Coimbra cometeu várias patifarias.

Os vendedores de jornais continuam mantendo-se na mais estreita solidariedade quer os que fazem a venda nas ruas, quer os que vão para a linha, esperando-se, caso a empresa mantenha o critério de não querer solucionar o conflito, que os distribuidores dêem a sua adesão.

Hoje fecha, às 18.30, a inscrição dos grevistas que queiram receber subsídio, estando até às 21 horas um membro da direcção na sede do Sindicato, rua António Maria Cardoso, 20, r/c, para receber as listas das cotizações.

N. R.—O chefe da Epoca sr. José Antunes Figueiredo escreveu-nos uma carta no sentido de procurarmos o cego Pais de Figueiredo para que ele nos diga a verdade sobre uma correspondência da Guarda publicada ontem em A Batalha. Julgamos o convite deve aproveitar-lhe como interesse. O nosso correspondente da Guarda dirá de sua justiça.

Operários tanoeiros de Vila Nova de Gaia

VILA NOVA DE GAIA, 29.—Continua com entusiasmo a greve dos operários ta-

São lidos dois officios do Sindicato Único do Vestuário e da Associação dos Barbeiros, acreditando delegados os camaradas João Lázaro e Zacarias de Lima.

Depois de Canaverde explicar em nome da C. A., o motivo porque não está elaborada a ordem dos trabalhos.

Laurenço da Costa Peixoto comunica, em nome da Comissão Central Pró-Casa dos Trabalhadores, de que é tesoureiro, que a mesma comissão, já farta de esperar pela conferência inter-sindical onde tencionava depôr o seu mandato, se verá na contingência de convocar uma reunião de direcções para nela dar conta e por findos os seus trabalhos, isto se a dita Conferência se não efectuar até ao fim do mês de Novembro.

Foi resolvido que C. A. traga o assunto para a próxima reunião federal.

José da Silva, delegado do Vestuário, depois de se insurgir indignadamente contra as arbitrariedades republicanas, apresenta a seguinte moção:

«Considerando que a repressão violenta que em todo o país se está exercendo contra a organização operária e seus militantes, principalmente em Lisboa, é fruto da rancorosa reacção que no país pretende impor a ditadura;

Considerando que compete à organização operária o dever de agir activamente por forma a conseguir a imediata libertação dos presos que, há mais de oito dias, se encontram detidos sem culpa formada, bem como a repatriação de todas as vítimas que arbitrariamente foram deportadas sem julgamento;

Considerando que há a imprescindível necessidade de, neste momento, se pôr em prática a acção revolucionária em auxílio dos nossos camaradas encarcerados e contra mais possíveis deportações; proponho:

1.º que seja nomeado um comité encarregado de promover uma agitação constante entre os trabalhadores do Porto e arredores, empregando-se todos os meios convenientes.